



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

MARIA JOSÉ DE BRITO

O QUE AS IMAGENS FAZEM E O QUE ELAS NOS FAZEM?

**Arraias/TO
2019**

MARIA JOSÉ DE BRITO

O QUE AS IMAGENS FAZEM E O QUE ELAS NOS FAZEM?

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Me. Don Gomes Alves

**Arraias/TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B862q Brito, Maria José de.
O QUE AS IMAGENS FAZEM E O QUE ELAS NOS FAZEM? . / Maria José de Brito. – Arraias, TO, 2019.
46 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2019.

Orientador: Don Gomes Alves

1. IMAGEM, COTIDIANO E ENSINO DAS ARTES VISUAIS. 2. ARTE
NOS ESPAÇOS DE TRÂNSITO. 3. TIPOS DE LINGUAGENS DA ARTE
URBANA. 4. “OFICINA FLORESCER” E RESULTADOS OBTIDOS. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).




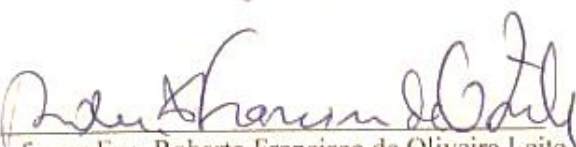
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CÓDIGO E LINGUAGENS
ARTES VISUAIS E MÚSICA

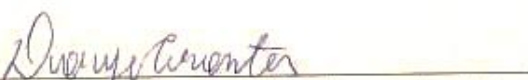
O QUE AS IMAGENS FAZEM E O QUE ELAS NOS FAZEM?

Monografia submetida ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação Do Campo: Código e Linguagens Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Arraias, em cumprimento parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Educação do Campo: Código e Linguagens Artes Visuais e Música.

APROVADO(A) PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 31/08/2019


Professor Me. Don Gomes Alves
(Orientador)


Professor Esp. Roberto Francisco de Oliveira Leite
(membro efetivo)


Professora Esp. Daryellen Ramos Arantes
(membro efetivo)

Arraias, TO, 31 de agosto de 2019

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu esposo e filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por permitir que eu chegasse até aqui, me concedendo forças e sabedoria nos momentos em que fraquejei;

À minha família por me apoiar em todos os momentos, em especial a minha mãe;

Aos colegas de curso e amigos, em especial a: Alcilene, Cleidiane, Daíze, Eva, Elta, Edma, Fagner, Gleis Steliane, Ildene, Iraildes, José Carlos, Lucilene, Luís Carlos, Leidma, Tarcília e Nina, por todo apoio a mim dedicado, principalmente nos momentos difíceis;

Ao meu esposo, que teve que aprender a cuidar dos nossos filhos sozinho durante os períodos em que estive ausente, aos meus queridos filhos, por toda compreensão em meus momentos de ausência, por sempre me incentivarem e por não deixarem que eu desistisse em meus momentos de desespero, por sempre terem para mim uma palavra de carinho e conforto me fazendo com que eu acreditasse em meu potencial;

À minha sogra (In Memoriam), que em seus últimos dias de vida mesmo sofrendo não deixou de me apoiar e acreditar em mim;

Aos professores do Curso de Educação do Campo, pelas palavras de apoio oferecidas à mim, em especial à professora Me. Hertha T. Silva, por acreditar em minha capacidade e não desistir de mim;

Agradeço imensamente ao professor Me. Don Gomes Alves, por todo apoio, compreensão e também por ter aceitado presidir minha banca de defesa;

Enfim, agradeço a todos que direto ou indiretamente contribuiu para que esse sonho fosse realizado!

“A finalidade da arte na educação é propiciar uma relação consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade.”

(BUORO, 1998)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo elucidar a importância do ensino de artes visuais na contemporaneidade onde o mesmo deve estimular questionamentos e problematizações, nos revelar e instigar à novas combinações e recriações, estender caminhos à reflexão. Identificando, a partir dos estudos da cultura visual, possibilidades do ensino de Artes Visuais em promover experiências de aprendizagem que discuta, de forma crítica e criativa, formas de visualidades geradas na vida cotidiana, apresentando concepções contemporâneas relativas ao ensino das artes visuais. Além disso, o trabalho aborda a relevância empreendida pelas imagens no mundo de hoje que é amplamente reconhecida. A perspectiva dos estudos da cultura visual permite reconhecer os mais diversos agentes dos processos culturais, permitindo que o estudante explore e valorize suas próprias referências culturais. O ensino das artes visuais não pode ser um conteúdo a parte nas escolas, que não relacione as experiências locais e pessoais dos estudantes. Os artefatos visuais podem ser uma importante ponte para reflexões nas dimensões cultural, social e subjetiva. A base conceitual da pesquisa fundamenta-se em teóricos que tratam dessa temática como: JOLY (2007), HERNÁNDEZ (2000, 2007), MARTINS (2011), TOURINHO (2011), entre outros. A metodologia empregada é com base na pesquisa bibliográfica, é importante entender que a pesquisa bibliográfica não consiste somente em acúmulo de conteúdos relacionados à problemática, sua estrutura consiste em retirar abordagens relevantes para o estudo de diferentes ideias e autores. O estudo evidenciou que diante das imensas informações atribuídas e advindas da percepção da imagem, podemos proporcionar aos espectadores da arte, a capacitação na formação crítica visual do ser humano e suas relações na sociedade em que vive e no mundo.

Palavras-chave: Cultura Visual. Imagens. Artes Visuais. Visualidades.

ABSTRACT

The objective of this study is to elucidate the importance of teaching visual arts in the contemporary world where the same should stimulate questionings and problematization, reveal to us and instigating the new combinations and likenesses, extend paths for reflection. Identifying, from the study of visual culture, possibilities of teaching Visual Arts in promoting learning experiences to discuss, in a critical and creative ways of unsettling visuality generated in everyday life, presenting contemporary conceptions concerning the teaching of visual arts. In addition, the work discusses the relevance undertaken by images in today's world that is widely recognized. The perspective of the study of visual culture allows you to recognize the most diverse agents of cultural processes, allowing the student to explore and exploit their own cultural references. The teaching of the visual arts may not be a content part in schools, which do not relate the local and personal experiences of students. The visual artifacts can be an important bridge for reflections on cultural dimensions, social and subjective. The conceptual basis for the research is based on theorists who treat this theme as: JOLY (2007), HERNÁNDEZ (2000; 2007), MARTINS (2011), TOURINHO (2011), among others. The methodology is based on bibliographical research, it is important to understand that the bibliographic research consists not only in the accumulation of content related to problematic, its structure consists in removing approaches relevant to the study of different ideas and authors. The study showed that in the face of the immense information conferred and stemming from the perception of the image, we can provide viewers of art, empowerment training visual critique of human being and their relations in the society in which he lives and in the world.

Keywords: Visual Culture. Images. Visual Arts. Unsettling Visuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de Arte Urbana em seu início no EUA.....	22
Figura 2 - Exemplo de arte urbana no Brasil (Escadaria Selaron, Rio de Janeiro, Brasil. Obra de Jorge Selaron inaugurada em 2013).....	23
Figuras 3 a 5 – Grafite do artista Eduardo Kobra "Clube 27" na Rua do Sumidouro com Fernão Dias na Cidade de São Paulo.....	26
Figura 6 - Glenn, criado por Jean Michel Basquiat em 1984.....	26
Figura 7 - Oficina de Stencil ofertada pelo professor Don do Curso de Educação do Campo - Artes Visuais e Música (UFT), na Cidade de Rio da Conceição/TO.....	27
Figura 8 - Girl With Ballon, é um dos trabalhos de Banksy mais reconhecidos (2002)...	28
Figura 9 - Exemplos de cartazes artísticos colados nas ruas das cidades.....	29
Figura 10 - Foto de Patrícia Sousa, em Pium – RN.....	30
Figura 11 - Intervenção realizada pelos alunos da oficina de Teatro do Curso de Educação do Campo - Artes Visuais e Música da UFT - Arraias/TO.....	31
Figura 12 - Cow Parade”, Pintada por Toni Machado e exposta na Avenida Paulista - São Paulo – Brasil.....	31
Figura 13 - Estátua de Ouro exposta nas ruas da cidade de São Paulo.....	33
Figuras 14 e 15 – Colégio Estadual Lavandeira.....	35
Figuras 16 e 17 - Imagens da Praça Central de Lavandeira – TO.....	37
Figura 18 - Confeccionando as flores gigantes para realização da intervenção.....	38
Figura 19 e 20 - Confeccionando as flores gigantes para realização da intervenção.....	39
Figura 21 - Flor gigante pronta para realização da intervenção.....	40
Figura 22 - Participantes do Projeto fazendo a colocação das flores confeccionadas.....	40
Figuras 23 a 25 - Participantes do Projeto fazendo a colocação das flores confeccionadas.....	41

Figura 26 - Planta frutífera plantada, início de revitalização da praça após a realização da intervenção.....42

Figura 27 - Praça sendo revitalizada pelo poder público municipal, após a realização da intervenção do Projeto Florescer.....43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo I	
IMAGEM, COTIDIANO E ENSINO DAS ARTES VISUAIS.....	15
1.1 - A importância das produções visuais cotidianas no ensino das artes visuais.....	15
1.2 - O potencial comunicativo das imagens.....	17
1.3 - Ambientes de comunicação produzidos pelas imagens.....	20
Capítulo II	
ARTE NOS ESPAÇOS DE TRÂNSITO.....	21
2.1 - Tipos de Linguagens da Arte Urbana.....	25
2.1.1 – Grafite.....	25
2.1.2 – Stencil.....	27
2.1.3 – Cartazes.....	29
2.1.4 – Intervenções.....	30
2.1.5 – Estátuas Vivas.....	32
Capítulo III	
“OFICINA FLORESCER” E RESULTADOS OBTIDOS.....	34
3.1 - Metodologia aplicada durante a realização da “Oficina Florescer”	36
3.2 - Saindo das teorias e discussões para a prática.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Com o decorrer do tempo as produções visuais deixaram de ocupar somente as telas de pinturas em museus e paredes de um acervo, as imagens permeiam nossa sociedade estando presentes nos mais diferentes meios, se tornando uma prática frequente no cotidiano de qualquer indivíduo. Sendo assim, ensino de artes visuais na contemporaneidade, deve estimular questionamentos e problematizações acerca das imagens, nos revelar e instigar à novas combinações e recriações, estender caminhos à reflexão. Em mundo mediado por tecnologias visuais, “bombardeado” por imagens em todos os lugares e a todo o momento, concordamos com Fernando Hernández (2007, p. 25), que “a finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas” diante desse arsenal visual.

A perspectiva dos estudos da cultura visual permite reconhecer os mais diversos agentes dos processos culturais, permitindo que o estudante explore e valorize suas próprias referências culturais. O ensino das artes visuais não pode ser um conteúdo a parte nas escolas, que não relacione as experiências locais e pessoais dos estudantes. Os artefatos visuais podem ser uma importante ponte para reflexões nas dimensões cultural, social e subjetiva.

Abordar imagens do cotidiano no ensino das artes visuais é possibilitar um encontro de diversas culturas, que oportuniza aos alunos conhecer um mundo de imagens que transmitem novos conceitos, valores e culturas que antes passavam despercebidos a um olhar não reflexível. Diante da cultura visual, trabalhar com as imagens do cotidiano é estar preparando alunos e professores para interpretar as complexidades do mundo contemporâneo.

Sendo assim, o presente trabalho tem como por objetivo principal identificar, a partir dos estudos da cultura visual, possibilidades do ensino de Artes Visuais em promover experiências de aprendizagem que discuta, de forma crítica e criativa, formas de visualidades geradas na vida cotidiana, apresentando concepções contemporâneas relativas ao ensino das artes visuais.

Diante dos objetivos aqui expostos foi desenvolvido um projeto intitulado “Oficina Florescer” na Escola Estadual Lavandeira. Entrelaçando cotidiano e visualidades, considerando a escola como “rede de sentidos” e as imagens como símbolos, interrogamos os participantes do projeto sobre o espaço que as imagens ocupam em suas vidas. Fazendo a relação entre educação da cultura visual, visualidades cotidianas e arte contemporânea. O público alvo do projeto foram alunos do Ensino Médio.

Antes da realização da oficina, foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica. Esta consiste em reunir conteúdos de diferentes autores sobre determinado tema ou problema. De acordo com Antônio Carlos Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esse método de pesquisa é um meio eficiente de obter conteúdos válidos de um tema já pesquisado por outros autores. Ainda segundo Gil (2002, p. 63),

Requer-se a reflexão crítica acerca dos assuntos estudados, de forma tal que seja possível identificar controvérsias entre os diferentes autores, identificar abordagens teóricas relevantes para o estudo de fenômeno e, se possível, optar por uma abordagem teórica capaz de fundamentar o trabalho.

E importante entender que a pesquisa bibliográfica não consiste somente em acúmulo de conteúdos relacionados à problemática, sua estrutura consiste em retirar abordagens relevantes para o estudo de diferentes ideias e autores. Cabe considerar que a pesquisa bibliográfica é uma forma de reunir, comparar e analisar conteúdos, sendo um dos métodos mais adequados para busca de informações relevantes para a fundamentação de um bom trabalho.

A pesquisa bibliográfica deu embasamento necessário para o desenvolvimento da “Oficina Florescer”. Objetivo principal da oficina foi discutir, intervir e repensar as manifestações artísticas urbanas com enfoque nas intervenções, refletindo teoricamente e instigando o comprometimento dos jovens com a sua realidade. Assim, contribuindo para a construção de suas cidadanias, englobando mais conceitos no que tange a arte, levando uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos, por sua vez despertando o senso crítico e ampliando repertório artístico.

Capítulo I

IMAGEM, COTIDIANO E ENSINO DAS ARTES VISUAIS

A importância empreendida pelas imagens no mundo de hoje é amplamente reconhecida. As imagens por meio de diferentes dispositivos e suportes estão cada vez mais mediando as relações entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo. No entanto, essa efetividade da imagem nas dinâmicas socioculturais contemporâneas torna sua apreensão cada vez mais complexa.

As imagens estão cada vez mais manifestas em nosso dia a dia, sendo exibidas pela televisão, em diversas interações via celular, no supermercado, caminhando pela rua etc. Não se limitam apenas as produções reconhecidas como arte presentes em museus e acervos particulares. Permeiam os mais diferentes espaços e desempenham múltiplas funções.

Martin Joly (2007, p. 77) considera “a imagem como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação.” Assim, as imagens provocam sentidos e sensações. E como nos ensina Irene Tourinho (2011, p. 4), as imagens “contam de nós, dos outros, para nós, para os outros.” Considerando que as imagens têm grande relevância em nossa vida diária, entendemos a importância de discutir como o ensino das artes visuais pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas diante das produções imagéticas que nos circundam.

1.1 - A importância das produções visuais cotidianas no ensino das artes visuais

O ensino das artes visuais, está presente na Escola¹, bem como em espaços não-escolares, tem ampliado seu campo de atuação. Por ter como objeto de investigação a imagem, algumas perspectivas para o ensino das artes têm defendido como os processos de ensino e aprendizagem do campo podem contribuir para o que Fernando Hernández (2007, p. 25) entende como a finalidade educativa, “facilitar experiências reflexivas críticas” diante da complexa cultura da imagem.

Os estudos visuais é um campo de estudo que tem contribuído para a estruturação de uma “outra narrativa” (HERNÁNDEZ, 2007) para a educação das artes visuais. A abertura às

¹ Utilizo do termo Escola com maiúscula em referência a todas as instituições destinadas à formação regrada de indivíduos, compreendendo os sistemas de ensino formal desde a educação infantil até os estudos de pós-graduação.

questões postas pelos estudos visuais, cujas análises centram na construção cultural do visual em artes, mídia e até mesmo na experiência cotidiana, tem colaborado para o reconhecimento, como objeto de estudo e conteúdo, de produtores e de produções imagéticas da cultura visual geral. O que está promovendo aberturas para que o ensino das artes visuais incorpore e explore as múltiplas produções visuais que permeiam os cotidianos.

Hernández (2007, p. 17), discorre sobre como a escola pode ser um lugar “entediante” por não estabelecer conexões com o universo de interesse dos estudantes.

Isto, porque é um local pouco relevante, carente de toda a conexão com as experiências e perguntas que interessam, um lugar que ensina a resignação e a passividade, quando poderia ser um espaço de prazer onde vale a pena estar, porque nele somos desafiados, confrontados e questionados, porque nele se entra em crise e exigências são feitas, permitindo percorrer o caminho da flexibilidade, da surpresa e do risco.

O ensino das artes visuais não pode ser uma disciplina que trate apenas temáticas e conteúdos distantes da realidade experiencial dos estudantes. É uma área do conhecimento que tem a potencialidade e a atribuição de integrar as produções visuais de forma ampla e abrangente. E como defende Fernando Hernández (2000, p. 129), “na educação escolar é necessário realizar essa empreitada a partir de um cruzamento de olhares”. Ou seja, valer-se das experiências cotidianas dos estudantes e colaborar para ampliação de seus repertórios imagéticos.

É importante que o ensino das artes visuais possa ir além do que é considerado erudito, estabelecendo conversações com as produções visuais presentes no cotidiano, instigando os estudantes a interpretar seus entornos visuais e simbólicos. Traçando, assim, diálogos com o universo de interesses dos estudantes e estabelecendo conexões com suas realidades. As imagens da mídia, por exemplo, como as exibidas nas embalagens e *outdoors*, estão por toda a parte. Essa onipresença das imagens, principalmente as que são produzidas com o intuito de transmitir uma mensagem, precisam ser consideradas na educação.

Essa perspectiva é um novo desafio para a Escola, uma vez que destaca a importância dos processos de ensino e aprendizagem empenharem-se em aproximar dos “lugares culturais” que inspiram e instigam os estudantes e que são importantes referências na construção de suas experiências de subjetividade (HERNÁNDEZ, 2007, p. 37). Outra questão ressaltada é em relação aos contextos culturais e históricos. O ensino das artes visuais deve promover “o

encontro de diferentes culturas” oportunizando aos estudantes uma aproximação com a diversidade de imagens e contextos. Assimilando, desse modo, novos conceitos e reconhecendo a diversidade cultural.

Trata-se de expor os estudantes não só ao conhecimento formal, conceitual e prático em relação às Artes, mas também à sua consideração como parte da cultura visual de diferentes povos e sociedade. Esse enfoque compreensivo trata de favorecer neles e nelas uma atitude reconstrutiva, ou seja, de autoconsciência de sua própria experiência em relação às obras, aos artefatos, aos temas ou aos problemas que trabalham na sala de aula (e fora dela). Para realizá-lo, torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias para a compreensão. (HERNANDEZ, 2000, p. 50).

Vivemos em uma realidade mediada por imagens. Diariamente um turbilhão de imagens por diferentes meios e de distintas formas nos alcançam. No entanto, uma abordagem plural e crítica acerca das produções visuais ainda não é efetiva em grande parte das escolas brasileiras. E como reflete Martins (2011, p. 16), “na cultura contemporânea se intensifica, cada vez mais, a distância entre a riqueza, a amplitude da experiência visual e a habilidade para avaliar e compreender essa experiência.” O que me leva a refletir sobre como não podemos deixar de relacionar no ensino das artes visuais imagens provenientes do cotidiano e toma-las como objeto de estudo.

1.2 - O potencial comunicativo das imagens

As produções imagéticas, de forma geral, estão contidas de intencionalidades dos mais diferentes vieses. As imagens são provenientes e circulam em diferentes meios e suas possibilidades interpretativas podem variar em relação ao contexto e a cada novo sujeito que a alcança. Como expressa Joly (2007, p. 46),

Uma outra razão é a universalidade efetiva da imagem, o fato de o homem ter produzido imagens no mundo inteiro desde a Pré-História até aos nossos dias e o fato de todos nós pensarmos ser capazes de reconhecer uma imagem figurativa, qualquer que seja o seu contexto histórico e cultural.

Culturalmente as imagens se tornaram uma linguagem. É inevitável discutir sobre as imagens e relacionar seus aspectos de comunicação, do que elas são capazes de transmitir de acordo com o contexto histórico. Esse entendimento é de suma importância para o desenvolvimento de posturas analíticas e interpretativas, ou seja, críticas, diante das imagens. Joly (2007, p. 45) nos fala sobre esse efeito comunicativo das imagens,

Várias razões explicam esta impressão de leitura natural da imagem, pelo menos da imagem figurativa. Em especial, a rapidez da percepção visual, assim como a simultaneidade aparente do reconhecimento do seu conteúdo e da sua interpretação.

Considerando o poder comunicativo das imagens, a abordagem em sala de aula de visualidades oriundas do cotidiano, as que fazem parte da vida dos estudantes, pode contribuir para o desenvolvimento de perspectivas mais críticas em relação a essas imagens. A abordagem crítica das imagens oferece maior possibilidade de compreensão das relações que estas estabelecem com as dinâmicas sociais, políticas e culturais.

O ensino das artes visuais pode colaborar para o desenvolvimento de um olhar crítico diante das imagens desenvolvendo dinâmicas de ensino e aprendizagem que apresentem e discutam as relações contextuais de produção e recepção das imagens. Essa perspectiva pode contribuir para que os estudantes apreendam as múltiplas dimensões de conhecimento e de apreensão da realidade expressadas pelas imagens.

Vale salientar que para uma abordagem crítica sobre as imagens é necessário entender a diferenças entre percepção e interpretação de imagens. Muitas vezes, os sujeitos “olham” a imagem, assimilam alguma informação superficial, mas não estabelecem uma relação interpretativa. Isso se dá porque a maioria das pessoas ainda não estão preparadas para apreender as imagens a partir de uma perspectiva crítica.

Retomando a questão da análise de imagens do cotidiano no ensino das artes visuais, é importante atentar como essas imagens podem nos afetar, provocar, instigar e sensibilizar. Como apresenta Martins (2011, p. 20),

Ao identificar, escolher ou reconstruir experiências visuais significativas e formadoras, o aluno cria espaço para interpretar momentos ou aspectos do seu cotidiano traçando uma compreensão de si mesmo e de experiências vividas que, desafiadoras, sofridas ou decepcionantes, podem ser transformadas em aprendizagem.

O olhar crítico sobre as imagens no ensino das artes visuais é, sobretudo, explorar seus efeitos comunicativos. Isso significa buscar conexões com o mundo trazendo para sala de aula imagens que instiguem os alunos e os provoquem criticidade.

É esta aprendizagem (e não a leitura da imagem) que se faz de maneira natural na nossa cultura, na qual a representação pela imagem tem um papel tão importante. Desde a mais tenra infância que aprendemos a ler as imagens, ao mesmo tempo que aprendemos a falar. Frequentemente, as imagens servem mesmo de suporte à aprendizagem na linguagem, e, como também para esta, há um limite de idade para lá do qual, se não tivermos sido iniciados na leitura e compreensão das imagens, tal se torna impossível. (JOLY, 2007, p. 47).

O professor mediante a essas possibilidades deve propor problematizar conteúdos relacionados à cultura visual dos alunos. Como aponta Hernandez (2007), “é necessário analisar sua relevância na vida dos alunos”. Isso é evidente em qualquer conteúdo, porém, quando se trata de imagem, quanto mais próxima da cultura do aluno, mais simples será para o professor despertar a criticidade sobre as imagens.

Não se trata, contudo, de colocar em pauta o que eles "gostam" ou que lhes "interessa", simplesmente, mas propor algo que os incomode e desafie, colocando em circulação diferentes saberes e provocando o envolvimento dos sujeitos. (HERNÁNDEZ, 2007, p.83).

Assim, considerar as imagens do cotidiano no ensino das artes visuais demanda considerar as imagens dos repertórios visuais dos estudantes, formados por inúmeras imagens que se consome e se produz diariamente. Contextualizar espaços, desejos e realidades. E também problematizar as diferentes formas da visualidade, seus múltiplos significados, considerando a diversidade dos sentidos e os inúmeros meios por qual essas mensagens visuais são transmitidas.

1.3 - Ambientes de comunicação produzidos pelas imagens

As visualidades cotidianas ao serem admitidas nos processos de ensino aprendizagem em artes visuais podem contribuir para o entendimento de que os espaços de trânsito são muito mais que simples passagens diárias. São espaços de comunicação de ideias, inclusive por meio de produções de arte. Os nossos percursos estão repletos de imagens produzidas com finalidade de transmitir uma mensagem, como podemos observar nas ruas, muros, calçadas, prédios, meios audiovisuais em geral espalhados pelas ruas etc. Esses ambientes de comunicação, estabelecidos por meio das imagens, inclusive nos espaços que transitamos, nos afetam de diferentes formas.

As produções artísticas presentes nesses espaços de trânsito são manifestadas de diversas formas: intervenção, grafite, cartazes lambe-lambe, performances etc. Essas visibilidades alcançam e afetam as pessoas que passam por esses locais. As produções artísticas contemporâneas incorporam características das novas dinâmicas sociais e culturais, desenvolvendo características de acordo com perspectivas e inquietações relacionadas a nossa atualidade. Tais influências podem ser utilizadas como recursos didáticos no ambiente escolar, com o objeto de articular artefatos artísticos e visualidades do cotidiano e dessa forma propor processos diferenciados de ensino e aprendizagem no ensino das artes visuais.

O ensino das artes visuais não pode deixar de considerar todo esse universo imagético, aguçando a percepção, bem como a reflexão acerca dessas visibilidades, contribuindo para que os estudantes desenvolvam olhares mais críticos sobre essas dinâmicas visuais. Irei desenvolver mais sobre essas reflexões no segundo capítulo.

Capítulo II

ARTE NOS ESPAÇOS DE TRÂNSITO

Na contemporaneidade, as produções artísticas têm passado por grandes mudanças. Uma das mudanças que iremos discutir é que as artes visuais deixaram de estar restritas ao espaço institucional, atingindo novos públicos e se situando em novos espaços. Essas manifestações artísticas permitem uma abertura para processos de criação mais independentes. Mesmo assim, muitos artistas de arte urbana se consagraram mundialmente e são reconhecidos pela mídia e sistema da arte.

A arte urbana é uma importante manifestação cultural na sociedade, sendo ela um importante meio de transmitir mensagens e pensamentos (denúncias, protestos). Também conhecida como “street art” (termo em inglês), a arte urbana se caracteriza como intervenções artísticas com temáticas variadas: poéticas, política, religião, problemas sociais, dentre outras.

A arte urbana pode ser demonstrada por meio de diversas técnicas, formas e materiais, sendo muitas de suas manifestações consideradas uma arte marginal, ou seja, fora dos cânones reconhecidos do sistema da arte. A arte urbana está presente em grande parte do mundo. No Brasil, a arte urbana, na configuração contemporânea, começou a ser debatida a partir dos anos de 1970, com representações artísticas do grafite feitos nas paredes das cidades, mesmo período da Ditadura Militar.

[...] estudiosos afirmam que essa arte remonta períodos muito antigos, uma vez que os gregos e romanos já transmitiam mensagens pelas ruas da cidade bem como possuíam muitos artistas nos centros urbanos (música, teatro, dança). A central proposição da arte urbana é justamente sair dos lugares ditos “consagrados”, ou seja, destinados à exposição e apresentações artísticas (equipamentos culturais: teatro, cinemas, bibliotecas, museus), para dar visibilidade a arte cotidiana, espalhada pelas ruas. (AIDAR, 2019).

Pode-se dizer então que na prática a arte urbana significa um encontro da vida cotidiana com a arte, sendo que, esse encontro das duas acontece de uma forma natural, visto que os sujeitos inseridos na sociedade vivem e se deslocam a todo instante pelas cidades.

Figura 1 - “Exemplo de Arte Urbana em seu início no EUA”



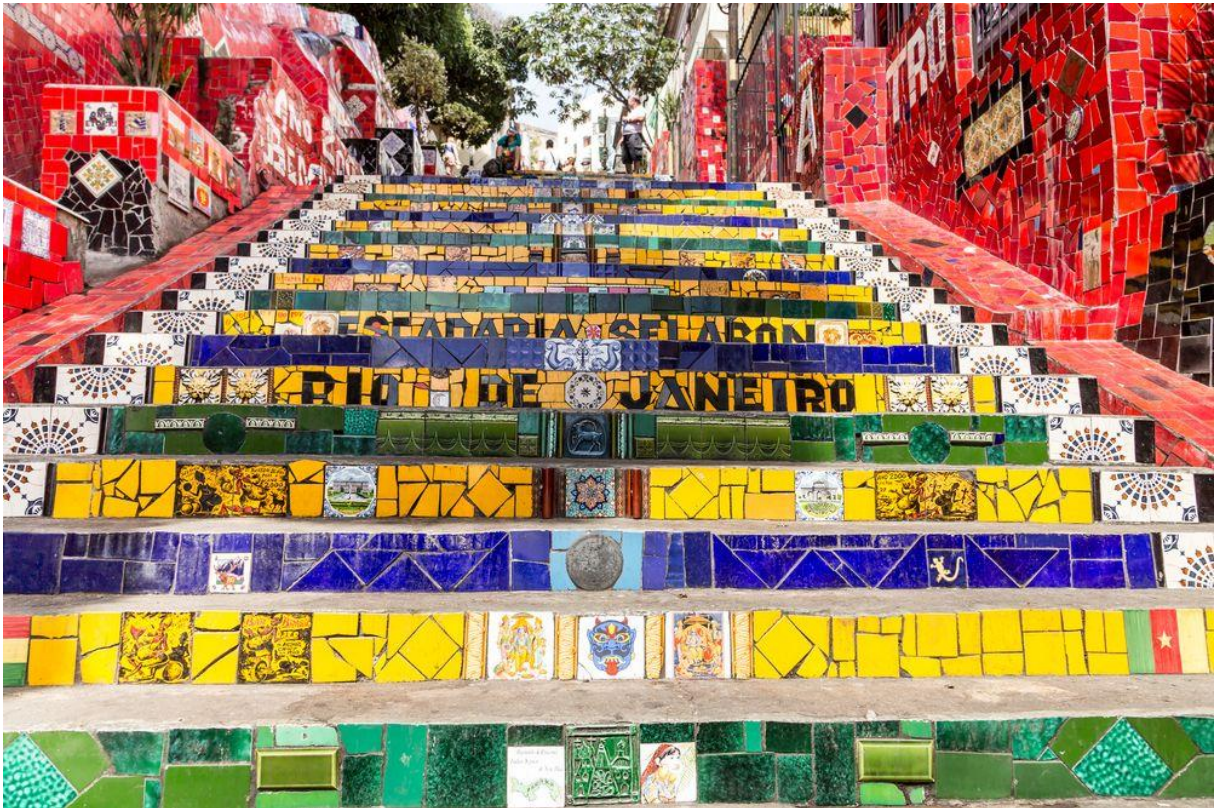
Fonte: Site Toda Matéria (2019)

Com o passar dos anos a arte urbana passa a ser reconhecida como tendo valor cultural, uma manifestação de expressão importante para artistas que utilizam os espaços urbanos para comunicar suas mensagens visuais atingindo um grande e diferenciado público.

No Brasil e no mundo, a arte de rua tem estado presente nas maiores e mais importantes cidades, geralmente, em muros e de grande escala, esta arte - além de embelezar a cidade de um jeito econômico e muito original, fazendo cada cidade ser única e ter seu próprio estilo - ela também faz o papel da denúncia e do protesto. E há também uma outra importante característica desta arte, o papel da inclusão social. Vários artistas do estilo promovem a arte por meio de suas intervenções, estimulando a criatividade em jovens e crianças de partes mais remotas da cidade. Muitas comunidades mais pobres são convidadas a se juntarem aos artistas para, juntos, transmitirem uma ideia, conceito ou mensagem política, ou apenas para criar arte e beleza. (BORGES, 2014).

Sendo assim, faz-se necessário reconhecer que a arte urbana tem como papel principal dar visibilidade a ocupação das cidades pelas minorias, consolidada pela representação artística e cultural de cada povo, em sua maioria marcada pelas especificidades de cada grupo.

Figura 2 - “Exemplo de Arte Urbana no Brasil (Escadaria Selaron, Rio de Janeiro, Brasil. Obra de Jorge Selaron inaugurada em 2013)”



Fonte: Site Toda Matéria (2019).

A arte urbana está em constante transformação, sempre representando os ideais de uma época. Precisamente ela ganhou expansão na década de 60 através de movimentos estudantis com maior repercussão em Paris.

Em Maio de 68, estudantes reivindicando reformulação nos currículos e criticando o autoritarismo político, tomaram as ruas de Paris fazendo seus protestos. Dentre as manifestações mais contundentes daquele momento, estavam seus grafites, cartazes e panfletos. Nestes materiais espalhados por toda a cidade estavam estampadas palavras de protesto contra o governo, poemas, reflexões filosóficas e desenhos da realidade daquele momento e de ícones da cultura de esquerda. (FERREIRA, 2011, p. 2).

Ao falarmos dessas manifestações artísticas imaginamos logo uma arte encontrada em meios urbanos, e isso não está totalmente errado. No entanto, isso não é uma regra. Estas manifestações artísticas podem ser encontradas em qualquer espaço de trânsito. Sendo uma avenida de uma grande cidade, uma praça em uma pequena cidade, nos espaços de convivência em uma universidade, por exemplo. Nesses contextos, essas produções podem provocar e

mediar discussões acerca dos mais variados temas, principalmente aqueles que são relevantes para o lugar.

Essas manifestações artísticas interagem com os sujeitos que circulam nos espaços que as recebem. Isso insere essas visibilidades nos cotidianos das pessoas. Um aspecto que deve ser considerado é como essas produções refletem sobre a relação das pessoas e a arte. O ato de percorrer por um espaço proporciona um novo tipo de experimentação e assimilação artística.

Podemos notar que essas manifestações artísticas são estrategicamente localizadas para ir de encontro com as pessoas, ou seja, locais de trânsito em que todos os espectadores possam interagir como as imagens artísticas, as quais possuem caráter dinâmico e interativo.

De acordo com Quintela (2007, p. 27),

Muito mais do que marcos físicos, a arte urbana revelaria aspectos do imaginário dos seus habitantes. De fato, a arte é um gesto social. Ela não se caracteriza apenas como uma sucessão de objetos isolados, mas como ideia complexa, algo que está presente no processo vivencial, um elo simbólico entre o homem e o espaço.

A proposta da arte urbana é justamente sair dos lugares considerados consagrados, ou seja, destinados à exposição artística e apresentar suas produções em espaços mais democráticos, como as ruas. Os artistas que se dedicam a arte urbana estão buscando uma forma de expressão mais livre e diversificada, bem como se apropriando de novos lugares e temas. Outra característica dessas produções são o teor crítico presente na maioria das obras.

Essa abertura de outros espaços de exposição também cria aberturas para que diferentes pessoas possam produzir e vivenciar as produções artísticas. Como apresenta Cartaxo (2009, p. 3), “na tentativa de reavaliar os espaços institucionais, em si, idealizados, os artistas buscaram novos lugares promovendo consequentemente, novas manifestações estéticas”. Esse movimento vem se tornando uma nova alternativa de se fazer arte, com apresentações teatrais, poesias e instalações, geralmente cheio de significados sociais, bem como, com um caráter conceitual e crítico, e assim faz essa cultura se manter, promovendo aos novos artistas a expor e reproduzir esse tipo de arte.

2.1 - Tipos de Linguagens da Arte Urbana

A arte urbana surgiu como um novo movimento artístico, que independe de instituições, com manifestações plurais que possibilitam a circulação de diferentes mensagens, produzidas por artistas oriundos de todas as camadas sociais e comunicam com um público muito amplo e diversificado. Esse tipo de manifestação artística expressa questões relacionadas as lutas populares, relacionados as questões sociais e políticas, manifestadas em grafites, lambe-lambes, stencils, adesivos etc. A arte urbana se materializa a partir de diferenciadas técnicas, materiais e formas.

2.1.1 - Grafite

O grafite são desenhos com suas características próprias, muitas das vezes se utiliza a tinta em spray nas paredes de grandes prédios, têm uma ligação direta em revitalizar as construções abandonadas, apresentando à comunidade um espaço urbano colorido e ideal para expressar as demandas políticas, culturais e sociais. Como apresenta Souza e Villaça (2015, p. 2),

Grafite são mensagens culturais marginalizadas: inscrições, pinturas e desenhos, idealizados por pessoas em paredes, árvores, muros e monumentos, utilizando spray, tinta e carvão. Tem por finalidade, transmitir mensagens de caráter poético, político, publicitário ou até mesmo satírico.

De acordo com Torres (2017), grafite é uma palavra derivada de “Grafito” / “graffiato” que na língua italiana significa “arranhões”, se refere as escritas na parede que são realizadas desde o antes do império romano nas grandes cidades da antiguidade. Muito dessas escritas eram desde informativas ou demarcadoras, mas desde aquela época o graffiti já possuía uma caráter transgressor, visto que muito do que era escrito estava arraigado a algum aspecto da cultura local, seja um protesto, uma denúncia ou uma paródia.

O grafite vem alcançando um patamar artístico considerável com criação de obras visuais voltadas para análise das questões políticas e socioculturais do sujeito em sua trajetória ao longo do tempo. No Brasil as manifestações do grafite começaram a surgir nos anos de 1970, tendo uma força maior a partir de 1980, uma vez conquistando espaços na sociedade e sendo reconhecido como uma manifestação artística. O grafite é muitas vezes confundido com pichação, embora sejam distintos um do outro, pois possuem características diferentes. A

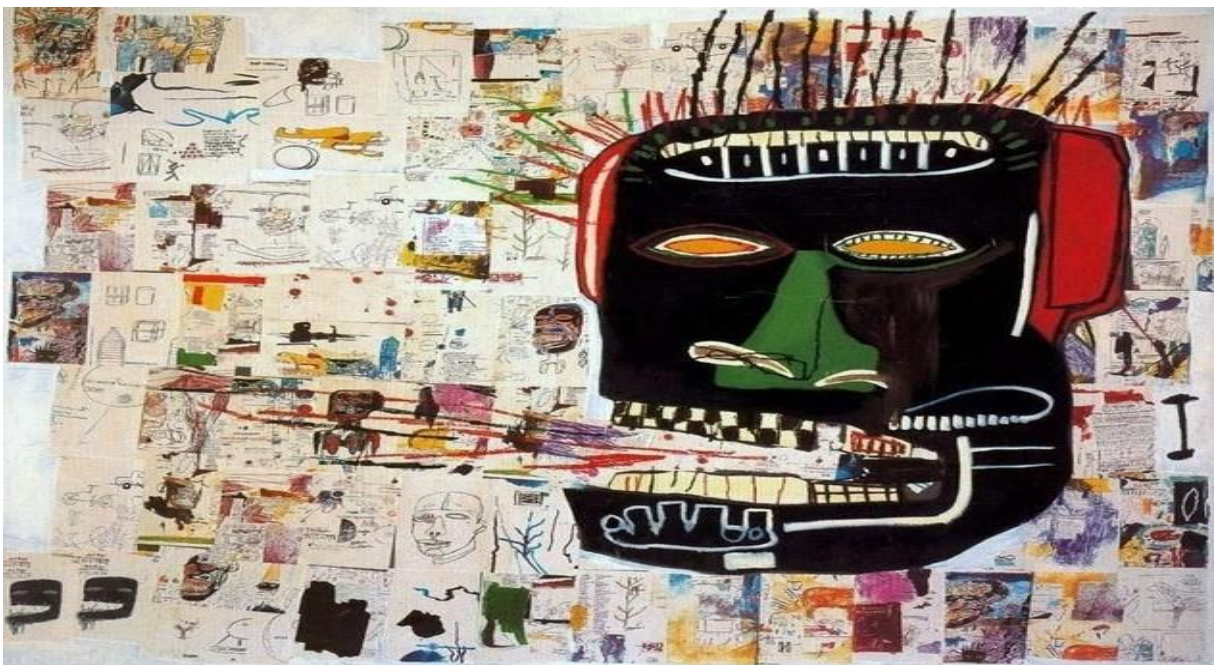
pichação tem como base a escrita, dá destaque à letra, à palavra, já o grafite busca referências nas artes plásticas. Trabalha com a forma, o volume, a perspectiva, a cor, entre outros recursos.

Figuras 3, 4 e 5 – “Grafite do artista Eduardo Kobra "Clube 27" na Rua do Sumidouro com Fernão Dias na Cidade de São Paulo”



Fonte: 7 continents 1 passport (2015).

Figura 6 - “Glenn, criado por Jean Michel Basquiat em 1984”



Fonte: FUKS, Cultura Genial (2010).

Na atualidade os grafiteiros têm ganhado espaços e visibilidades para apresentar sua arte, uma vez que o grafite ganhou nome e reconhecimento como uma das principais

manifestações artísticas urbanas da contemporaneidade. Dessa forma tal visualidade contribui para um trabalho social significativo, em que o artista torna-se atuante em sua comunidade, utilizando da arte como meio de dar voz a anseios sociais ligados diretamente às comunidades marginalizadas.

2.1.2 - Estêncil

O estêncil é uma forma de manifestação da arte de rua que se apresenta como uma ferramenta de libertação capaz de discutir as especificidades das comunidades, sendo enfático nas suas expressões socioculturais, em que contribui para valorização e visibilidade dos sujeitos, bem como promover um olhar despertador acerca da políticas sociais, além de uma ruptura com as imposições e alienações.

Figura 7 - “Oficina de *Stencil* ofertada pelo professor Don Gomes Alves do Curso de Educação do Campo - Artes Visuais e Música (UFT), na Cidade de Rio da Conceição – TO”



Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

Figura 8 – “Girl with Balloon é um dos trabalhos de Banksy mais reconhecidos (2002)”



Fonte: FUKS, Cultura Genial (2010).

O estêncil não se restringe apenas a uma pintura a partir de um molde, tem suas especificidades. Pode ser uma técnica simples e rápida e ser ensinada facilmente. Promove uma comunicação rápida e impactante com o público, dessa forma, esse tipo de manifestação artística contribui para a melhoria estética dos espaços urbanos, para o senso crítico dos sujeitos, para a livre expressão, bem como para a mudança de rotina das pessoas nos espaços de trânsito. “Parecido com o grafite, o estêncil utiliza a técnica de recortar um papel rígido e usá-lo como molde. A tinta empregada geralmente é o spray, usada para fixar as ilustrações e desenhos nas ruas, postes e paredes. Esse é um método mais prático no momento de se fazer as intervenções diretamente nas ruas”. (AIDAR, 2019).

Foi uma técnica de pintura muito utilizada durante a segunda guerra mundial, usada para fazer intervenções urbanas, sendo a mesma utilizada nas propagandas de guerra e também para impressão dos uniformes dos materiais e uniformes.

2.1.3 - Cartazes

O cartaz é um impresso no suporte tradicional de papel, que geralmente leva uma mensagem publicitária, mas também é uma linguagem de arte urbana, denominada lambe-lambe. Por ser um instrumento amplamente poderoso e de fácil acesso, capaz de contribuir para um impacto visual eficaz e rápido, é um grande aliado da cultura de massa e serve para levar ao público desejado o anúncio de produto, uma propaganda política ou uma mensagem artística.

A prática de colar cartazes é antiga. Os mais diversos estilos e formatos, produzidos e reproduzidos com múltiplos objetivos, disseminaram intenções e ideias no espaço geográfico que constituem parte da história mundial. A transformação dos cartazes associa-se à tecnologia, à estética e ao pensamento de cada época (OLIVEIRA, 2015, p. 5).

Figura 9 - "Exemplos de cartazes artísticos colados nas ruas das cidades"



Fonte: Toda Matéria (2019).

Figura 10 - “Foto de Patrícia Sousa, em Pium-RN”



Fonte: Brechando (2016).

Através dos cartazes podemos visualizar um conjunto de representações e apropriações de uma linguagem muito utilizada na contemporaneidade. A potência do cartaz está relacionada com sua estrutura estética, em que as cores, o desenho, o tamanho, a fonte, ilustração são pontos centrais para seu efeito comunicativo.

2.1.4 – Intervenções

As intervenções urbanas desencadearam de movimentos artísticos visuais, que foram manifestados em espaços urbanos, a fim de transmitir uma ideia, questionar o cotidiano e recriar paisagem e lugares públicos, proporcionando um convite ao diálogo com os observadores de forma interativa e as vezes inusitada.

Figura 11 - "Intervenção realizada pelos alunos da oficina de Teatro do Curso de Educação do Campo - Artes Visuais e Música da UFT - Arraias/TO"



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Figura 12 – “Cow Parade” Pintada por Toni Machado e exposta na Avenida Paulista – São Paulo – Brasil”



Fonte: História das Artes (2016).

Tais intervenções interferem na rotina das pessoas de modo a chamar à atenção para determinados assuntos, ou mesmo tira-las de suas rotinas entretendo-se e interagindo com a instalação. As intervenções possuem teor discursivo no qual busca despertar interesse dos espectadores, senso crítico e social, ampliando o repertório artístico e estimulando-os a refletir a sociedade, sua história e os novos paradigmas sociais com um olhar voltado ao contexto em que a comunidade está inserida, a fim de associar as novas realidades.

Ao se intervir no espaço público, onde as relações são menos mediadas e controladas e onde se dá a real possibilidade de contato com toda a diversidade que as cidades possuem, se está atuando diretamente no cotidiano das pessoas. Um olhar criativo sobre a cidade, percebendo espaços e situações onde se possa intervir, permite não só a transformação do local por meio da intervenção urbana, mas também a transformação do olhar do público sobre o cotidiano, que se torna mais lúdico e por isso mais próximo de todos. Ao despertar esse olhar lúdico sobre o cotidiano e sobre os espaços que frequentamos, estimula-se também a reflexão sobre este espaço e se tangibiliza a sua natureza dinâmica e em constante movimento. (LIMA, 2013, p.17).

Ainda segundo Lima (2013), “sair às ruas e realizar um trabalho de intervenção significa dizer que o espaço público nos pertence mais do que às empresas e ao capital que o vem utilizando e que por isso temos o direito de utilizá-lo como acharmos mais interessante”.

No Brasil, essa manifestação artística surgiu no final dos anos 1970, ultrapassando os muros dos museus, rompendo as formas tradicionais de exposição, provocando ao público questionamentos em relação às questões sociais, estéticas, políticas e de ideologia.

2.1.5 - Estátuas Vivas

As estátuas vivas são um tipo de arte urbana bem incomum, nesta manifestação artística os artistas geralmente se apresentam pintados e caracterizados nas ruas dos grandes centros urbanos como forma de desenfadamento turístico. As estátuas vivas é uma performance artística onde os artistas se mantêm em movimentos estáticos tendo total controle sobre os movimentos do corpo.

Figura 13 – “Estátua Ouro exposta nas ruas da cidade de São Paulo”



Fonte: BRITTO, Blog Artistas de Rua (2012).

Desde os anos 90 esse fenômeno invadiu as ruas do Brasil inteiro. “Eles estão no centro da cidade, principalmente nas ruas da 25 de março, chamando a atenção e levando alegria e descontração para quem passa pelas ruas. Além de ser uma profissão curiosa, os personagens despertam o encanto nas pessoas.” (BRITTO, 2012). As Estátuas Vivas tiveram origem na Grécia, e seus primeiros personagens retirados do teatro, na Roma Antiga, eram utilizadas para fazer críticas ao governo, artistas usavam mímicas. Mais tarde, surgiram as estátuas vivas na Europa.

Capítulo III

“OFICINA FLORESCER” E RESULTADOS OBTIDOS

O projeto intitulado “**Oficina Florescer**”, foi realizado na cidade de Lavandeira estado do Tocantins. Sua primeira etapa foi aplicada no Colégio Estadual Lavandeira e em um segundo momento na praça central da cidade. O público participante do projeto foram alunos do Ensino Médio do referido colégio. Ao todo participaram 11 adolescentes, com idade entre 15 e 18 anos. O espaço concedido pela unidade escolar para realização do projeto foi a biblioteca, os alunos e professores da comunidade escolar receberam o projeto com muito entusiasmo e ao longo de toda realização pude constatar que os participantes estavam atentos e comprometidos com a ação.

O objetivo da oficina foi analisar como as imagens estão presentes nos espaços urbanos e como transmitem ideias e conceitos. Essas imagens, principalmente as provenientes da arte urbana, apresentam reflexões sobre questões atuais, relacionadas as problemáticas daquelas cidades e espaços. Assim, além de refletir sobre os efeitos comunicativos das imagens, nesta oficina propomos que os participantes também produzissem imagens e comunicassem por meio dessas demandas da sua cidade e questões sobre suas histórias de vida.

Ao realizar esse projeto de intervenção foi possível possibilitar aos envolvidos uma conscientização de que arte tem um poder de transformação social, onde podemos transformar um espaço público, mostrando para a comunidade local que podemos ser agentes de transformação através da arte. Neste sentido Soares (2007, p. 4) afirma que:

A arte humaniza, e se ela humaniza, precisamos mais do que nunca, da sua utilização no meio educacional e mais ainda na sociedade de modo geral. Pois se temos consciência de que a educação é a base estrutural, juntamente com a família, de uma sociedade plena, também temos consciência de que precisamos cada dia mais, de pessoas comprometidas com o tema da humanização dos indivíduos. Humanizar no sentido completo e pleno da palavra. Mais do que oferecer aos indivíduos condições de vivência, de sobrevivência, dar a eles a oportunidade de ser quem realmente são, com toda a sua individualidade e peculiaridades.

Promovendo, desse modo, meios para que a comunidade da cidade de Lavandeira reflita sobre como a arte pode surpreender, desestabilizar, emocionar, bem como contribuir para tornar os espaços urbanos mais atrativos.

Figuras 14 e 15 – “Colégio Estadual Lavandeira”



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

3.1 - Metodologia aplicada durante a realização da “Oficina Florescer”

No momento inicial foi feita uma explanação analítica a partir da leitura de títulos que se relacionam com o tema proposto para a realização da oficina. O objetivo foi discutir e refletir como as manifestações artísticas de rua podem nos provocar questionamentos e reflexões referentes a temas sociais. Com isso, busquei instigar os participantes da oficina a se posicionarem diante de alguns acontecimentos que lhes causam insatisfação.

Estabelecemos, assim, discussões sobre as visualidades presentes nos espaços públicos da cidade de Lavandeira. Os participantes foram provocados a refletirem sobre seus cotidianos e suas relações com os espaços públicos da cidade. Discutimos sobre a importância da educação para a cidadania, configurada pela formação participativa e comprometida com a realidade social.

No encontro seguinte assistimos vídeos sobre intervenções artísticas e técnicas de arte urbana que trazem um olhar crítico sobre a cidade. As intervenções artísticas podem trazer uma nova visibilidade para determinados espaços, chamando atenção para a falta ou excesso de elementos. No caso da nossa oficina, conversamos sobre como as praças da cidade necessitam de uma atenção especial por parte da população e do poder público municipal. Com mais infraestrutura e um cuidado maior com os jardins, tornando o ambiente mais agradável para os habitantes da cidade de Lavandeira.

Com base nessa problemática levantada, foi proposto ao grupo uma intervenção na praça central da cidade. Assistimos um vídeo que ensinou técnicas de confecção de flores gigantes em papel. Criamos algumas frases que refletiam sobre a questão. A oficina levou em consideração o fato de que a arte ocupa espaço fundamental no processo de formação da autonomia e da identidade cultural do sujeito. A oficina adotou a perspectiva de que é preciso investir na criatividade artística, projetada entre as diversas esferas sociais, valorizando suas expressões culturais e o ocultamento de sua história.

3.2 - Saindo das teorias e discussões para a prática

A intervenção desenvolvida teve um grande potencial de inclusão social ao se apropriar de um espaço público, pouco valorizado, revitalizando-o. Isso corresponde a uma perspectiva de arte como meio para questionar e transformar a vida urbana cotidiana. A intervenção desenvolvida na “Oficina Florescer” foi desenvolvida na praça central de Lavandeira, que há

muito tempo está abandonada pelos representantes do poder público municipal necessitando de uma reforma. Como podemos observar nas imagens a seguir, é um lugar com grande movimentação de pessoas principalmente nos finais de semana. O objetivo da intervenção foi mostrar a comunidade local que temos o poder de transformar “um beco” abandonado em um espaço vivo e cheio de significados por meio da presença de arte.

Figuras 16 e 17 - "Imagens da Praça Central de Lavandeira - TO"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Após todas as discussões sobre arte urbana socialmente engajada e a proposta de ação artística partimos para a prática. A produção das flores foi iniciada a segunda parte do projeto, onde a proposta era a realização de uma intervenção na praça central da cidade utilizando as flores confeccionadas pelo grupo.

Figura 18 - "Confeccionando as flores gigantes para realização da intervenção"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Durante a realização da intervenção as pessoas que passavam pelo local paravam para observar e a questionar o porquê de estarmos lá colocando flores de papel em um local considerado por eles sem nenhum valor. Sendo que lugar estava cheio de entulhos e abandonado há muito tempo. Os participantes do projeto começaram a explicar que era uma forma de criticar e ao mesmo tempo questionar as autoridades competentes o porquê do abandono desse local. Diante disso, percebe-se que a intervenção começou a atingir os seus objetivos, uma vez que após a realização do mesmo a população começou a cobrar por melhorias no local. Logo foi feita pela prefeitura a retirada dos entulhos do local, e está sendo feito um plantio de plantas ornamentais e frutíferas, para que futuramente a praça tenha um jardim de verdade, e possa ser um local de lazer para a comunidade.

Figuras 19 e 20 - "Confeccionando as flores gigantes para realização da intervenção"



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 21 - "Flor gigante pronta para realização da intervenção"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Figura 22 - "Participantes do projeto fazendo a colocação das flores confeccionadas"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Figuras 23 a 25 - "Participantes do projeto fazendo a colocação das flores confeccionadas"





Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Figura 26 - " Planta frutífera plantada, início de revitalização da praça após a realização da intervenção"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Figura 27 - "Praça sendo revitalizada pelo poder público municipal, após a realização da intervenção do Projeto Florescer"



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no trabalho aqui apresentado reforçamos a importância do ensino das artes visuais na contemporaneidade, sendo ela um importante instrumento de estimular questionamentos e reflexões. Desde seus primórdios a arte está ligada a fatores históricos e sociais que dialogam com acontecimentos na sociedade.

As imagens encontram-se presentes em nosso cotidiano, ou seja, em quase tudo que vivenciamos no dia-a-dia, o seu uso no ensino das artes visuais que possibilita aos alunos conhecer um mundo de imagens que transmitem novos conceitos, valores e culturas que antes passavam despercebidos a um olhar não reflexível. Diante disto, observa-se que nossa atualidade é a era da visualidade e da cultura visual, uma vez que nos deparamos com a presença da imagem em toda a parte na qual nos direciona.

Sendo assim, diante das imensas informações atribuídas e advindas da percepção da imagem, podemos proporcionar aos espectadores da arte, a capacitação na formação crítica visual do ser humano e suas relações na sociedade em que vive e no mundo.

Nessa perspectiva, a cultura visual assume grande relevância. A cultura visual engloba diferentes eixos culturais, sociais, políticos e econômicos e ainda faz ligações entre tempos e lugares. E por esse motivo que as escolas devem abordar as visualidades de uma forma mais acentuada para que os alunos não estejam destinados a uma alienação de ser somente um receptor passivo.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Beatriz. **História do Grafite**: conheça a história dessa arte! Stoodi. 2018. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/2018/07/25/historia-do-grafite/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- AIDAR, Laura. **Arte Urbana**. Toda Matéria. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- BORGES, Rejane. **História da Arte de Rua**. Artes e Ideias, Obvius. 2014. Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2014/02/historia_da_arte_de_ua.html. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em Construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. 160 p.
- BRITTO, Caroline. **A arte de ser uma estátua de rua**. Blog Artistas de Rua. 2012. Disponível em: http://blogartistaderua.blogspot.com/2012/04/arte-de-ser-uma-estatua-viva_24.html. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- CAMARGO, Soraia Haack; MORAES, Lidiane Cirilo de; HOFFMANN, Daiane Gaio. **Arte Produzindo Transformação e Humanização**. Disponível em: https://www.univel.br/sites/default/files/conteudorelacionado/arte_produzindo_transformacao_e_humanizacao.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- Cultura Visual e Escola - TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO**, Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil Gerência de Criação e Produção de Arte. Agosto de 2011, 30 p.
- DIAS, Belidson. O Cotidiano Espetacular e a Arte Educação. In: MARTINS, Raimundo e MARTINS, Alice F. (Org.), **Cultura Visual e Ensino de Arte: Concepções e práticas em diálogo**. Pelotas (RS): Editora UFPel, 2014, p. 43-59.
- FUKS, Rebeca. **Tudo sobre o grafite no Brasil e no mundo (com imagens)**. Cultura Genial/Artes Visuais, 2010. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/grafite/>. Acesso em: 21 de maio de 2019.
- _____. **Conheça as 13 obras mais fantásticas e polêmicas de Banksy**. Cultura Genial/Artes Visuais, 2010. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/grafite/>. Acesso em: 21 de maio de 2019.
- HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional** / Fernando Hernández; revisão técnica: Jussara Hoffmann e Susana Rangel Vieira da Cunha; tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007. 128p. – (Coleção Educação e Arte; v.7)
- _____. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Fernando Hernandez: tradução Jussara Houbert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2000. 261 p.: il. : 23 cm.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

IMBROISI, Margaret. **Intervenção Artística Urbana.** História das Artes/Sala dos Professores, 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

LIMA, Mateus Vieira Villela de. **Intervenção Urbana: Arte e Resistência no Espaço Público.** Trabalho de conclusão de curso de pós graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC/ECA – USP, São Paulo, 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. Ensino de Arte, Contemporaneidade e Vida Cotidiana. In: SENNA, Nádia da Cruz; SILVA, Ursula Rosa (orgs.). **Visualiades e Cotidiano no Ensino da arte.** Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

OLIVEIRA, Diogo. **Lambe-Lambe Resistência à verticalização do Baixo Augusta.** Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes Centro de Estudos Latino Americanos Sobre Cultura e Comunicação. São Paulo: 2015. Disponível em: https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/lambe-lambe_-_final_corrigido.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2019.

PAIVA, Lara. **Sabia que lambe-lambe é considerado arte urbana?** Brechando. 2016. Disponível em: <https://www.brechando.com/2016/07/sabia-que-lambe-lambe-e-considerado-arte-urbana/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana. **Pista do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (Org.) – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

SOUZA, Tatiane Almeida de, VILLAÇA, Bárbara Viana. **O Grafite no Ensino da Arte.** Rio de Janeiro, 2015, p. 2.

VICTORIO FILHO, A. Culturas Juvenis para Além dos Interditos Culturais: o funk carioca, potência e beleza. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Org.). **Pedagogias Culturais.** Santa Maria: Editora UFSM, 2014, p. 275-290.